JAZZ
10 MAIO 2015
CICLO "HISTÓRIAS
DE JAZZ EM PORTUGAL"
CONCERTO EXTRA

Ao (re)encontro do Sexteto de Jazz de Lisboa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

© Mário Ferreira

Trompete, fliscórnio Tomás Pimentel Saxofones Edgar Caramelo, Ricardo Toscano
Piano Mário Laginha Contrabaixo Pedro Barreiros Bateria Mário Barreiros

Apresentação Hot Clube de Portugal
e Centro Cultural Vila Flor

Dom 10 de maio
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M6

Ao (re)encontro do Sexteto de Jazz de Lisboa
ao Jorge Reis

Histórias de Jazz em Portugal
Nascido para testemunhar o "momento singular" que hoje se vive na cena do jazz português, o Ciclo *Histórias de Jazz em Portugal* (uma co-produção do Hot Clube de Portugal e do Centro Cultural Vila Flor) não poderia, ao longo das suas 16 Sessões, deixar de evocar, entre outros factos relevantes, o papel desempenhado, desde a sua fundação (1984), pelo Sexteto de Jazz de Lisboa (SJL).

A recorrente evocação do protagonismo do SJL nessas histórias levou os autores do Ciclo, António Curvelo e Manuel Jorge Veloso, a desafiar os músicos que gravaram o único disco do Sexteto (*Ao Encontro*, 1987) a reencontrarem-se em palco, quase 30 anos depois! Repto aceite com entusiasmo por todos eles: Tomás Pimentel, Jorge Reis, Edgar Caramelo, Mário Laginha, Pedro Barreiros e Mário Barreiros. Um projecto que – face à perda irreparável para o nosso jazz que foi a súbita partida de Jorge Reis – decidiram levar em frente, agora também como uma sentida homenagem ao próprio Jorge, tendo convidado para o seu lugar Ricardo Toscano.

Embora não integrados no Ciclo, os dois concertos logo acordados (com o Hot Clube e a Culturgest e com o CCVF) surgem, assim, como uma espécie de "extra" totalmente sintonizado com os seus principais objectivos, designadamente com a viagem pelas crónicas do jazz em Portugal, lembrando as várias fases que nos trouxeram até aqui – a este momento único, marcado pela crescente qualidade de um significativo número de músicos profissionais, num cenário em que o jazz rompeu o vício maior da sua tradicional macrocefalia geográfica, alargando a descentralização da sua *praxis* e do seu ensino e diversificando os graus académicos um pouco por todo o país.

Um processo inovador cuja história o SJL ajudou a escrever. Razão mais do que suficiente para lembrar as raízes que o fizeram crescer e o futuro que anteciparam.

Ao encontro do SJL
Porque a memória é curta e por vezes convenientemente selectiva, convém lembrar, em breve síntese, como era o "nosso" jazz em 1984, ano do nascimento do SJL.

O número de músicos profissionais em actividade era muito reduzido. E a carreira internacional uma miragem. Discograficamente só existiam Rão Kyao, Zé Eduardo (já professor em Barcelona), António Pinho Vargas e Maria João. Os festivais chamavam-se Cascais Jazz / Jazz num Dia de Verão e Jazz em Agosto (nascido nesse mesmo ano, só com a "prata da casa", incluindo a estreia do SJL). Ao vivo, dia a dia, só se ouvia jazz no Hot. E os concertos avulsos não eram únicos mas muito irregulares, avessos a calendários periódicos, tendo já desertado o público que esgotara Cascais. No ensino, a Escola do Hot pregava sozinha desde 79 (a Escola de Jazz do Porto só viria em 85). Comprar discos já não era a aventura

desesperada do passado, embora ainda se sentissem as restrições impostas nos anos 80 pelo FMI... Mas ler os livros de referência era mais complicado.

Foi nesse microcosmo que nasceu o SJL. A estreia no Jazz em Agosto teve honras inesperadas: devido à chuva, o concerto passou para o Grande Auditório, à época com curtíssimo (e quase herético) currículo jazzístico. A formação inicial, que subiu ao palco do primeiro concerto, teve vida curta: a Tomás Pimentel, Carlos Martins, Edgar Caramelo e Mário Laginha juntaram-se David Gausden e Carlos Vieira, que partiriam pouco depois. Para os seus lugares chegaram os irmãos Barreiros, Pedro e Mário. Mais tarde sairia, também, Carlos Martins, um dos seus "sócios" fundadores, substituído por Jorge Reis naquela que seria a formação definitiva do SJL.

Ao tempo, havia quem discutisse, na crítica e nos círculos de ouvintes mais atentos e militantes, se o jazz português estava melhor (ou mesmo se era possível!) ou ainda se, por inexplicável fatalidade, o futuro, além de adiado, seria sempre pequenino e nunca risonho. A pedrada no charco (ou uma delas...) chegou pela mão do SJL. E se num primeiro momento ainda houve quem sorrisse condescendente, a edição de *Ao Encontro* mostrou que a coisa, afinal, era mais séria...

Seis jovens músicos (todos na casa dos 20 anos), reconhecidos como tecnicamente evoluídos e apontados como parte da "nata", subiam ao palco ousando trocar a tradição dos *standards* por pautas originais. Tomás Pimentel e Mário Laginha assinavam a maioria do repertório (composições e arranjos). E o grupo soava coeso, moderno, internacional. Em 85 tocaram no 15.º Festival de Jazz de Cascais e no 3.º Festival de Jazz de Macau, ano em que, talvez para surpresa nacional, a Federação Internacional de Jazz os classificou em 10.º lugar na lista dos "melhores grupos de jazz europeus". Em 86 (dois anos após a estreia) actuavam na Grã-Bretanha (incluindo o Barbican Centre de Londres), com êxito bastante para voltarem em 88, numa digressão de 10 concertos em sete dias (!). Os Açores (Angra do Heroísmo e Ponta Delgada) e Barcelona (Bienal das Artes dos Países Mediterrânicos) acolheram-nos em 87, ano em que gravaram *Ao Encontro*, escandalosamente nunca editado em CD!

"Talvez agora se possa falar de uma geração de músicos de jazz em Portugal", afirmavam em entrevista.[1] "Pensamos mesmo que é a primeira altura em que se pode falar de uma geração de músicos portugueses no domínio do jazz. A partir da actualidade, é mais fácil aparecerem outros nomes e começar a ser agradável olhar para o lado e ouvir alguém a tocar bem. Isso cria mais alternativas, podem-se trocar ideias, dando origem a um crescimento muito positivo, que vai fazer com que o jazz recupere terreno, em Portugal."

Ao Encontro foi amplamente saudado na imprensa da época.

"O jazz português volta a dar que falar! (...) Foi feita justiça ao melhor grupo de jazz português (...). E o resultado é brilhante! Inserido nas actuais correntes do jazz português, os temas são bem representativos do neo-bop-versão-80s mas, mais assinalável, são todos originais de Tomás Pimentel e Mário Laginha, bem como os eficazes e competentes arranjos."[2]

"A sua música é jazz, em Portugal, na Polónia ou na China (...). Na música *(do SJL)* poderemos confirmar que a componente técnica e a componente jazz se fundem de forma equilibrada."[3]

"*Ao Encontro* é um disco de jazz – do princípio ao fim. *Ao Encontro* é, também, um bom disco de jazz. Mas *Ao Encontro* é, ainda, um excelente disco de estreia (...). Depois deste encontro não pode haver dúvidas – em termos de jazz já estamos em condições de falar europeu (...). *Ao Encontro* não é, pois, um disco para os amigos – no que contraria, também, um mau hábito português. Os seus destinatários deverão ser, mesmo, os inimigos do Sexteto. Porque, depois, todas as inimizades ficarão mais claras."[4]

"Jazz feito em Portugal e bom... até para exportação (...). A qualidade é indiscutível."[5]

Apesar da agenda de concertos e festivais, o SJL não sobreviveu muito tempo (1990). Alguns dos seus membros iniciariam, em breve, carreiras individuais muito intensas que dificultaram, naturalmente, a coordenação de agendas. O futuro mudou, fruto das sucessivas conquistas que, lenta e arduamente, a comunidade jazzística nacional foi acumulando. E hoje, quando se olha para trás e se lembra a história, a sensação é, muitas vezes, de incredulidade...

1. Luís Barros Curado, in *Êxito*, 31-03-88
2. Manuel Jorge Veloso, in *Sete*, 30-03-88
3. Raúl Vaz Bernardo, in *Expresso*, 01-04-88
4. António Curvelo, in *Expresso*, 01-04-88
5. Monteiro Costa, in *Diário de Notícias*, 18-05-88

Trinta anos passados

De entre os membros do "velho" SJL ainda em actividade, tanto Tomás Pimentel como Edgar Caramelo foram-se afastando da ribalta jazzística em diversas direcções; mas terão sido dos mais entusiásticos dinamizadores e organizadores deste reencontro. Acresce que os amadores (e os profissionais) de jazz que assistem aos *gigs*, mesmo que mais espaçados, em que participam, continuam a descobrir, no primeiro, um fraseado e um som únicos entre nós e, no segundo, uma certa "irrequietude" que de vez em quando pontua o seu discurso individual, sendo evidente a consistência instrumental que ambos transmitem ao grupo.

Irradiando talento e exuberância criativa nos vários domínios musicais que continua a marcar com a sua forte individualidade, Mário Laginha é uma figura ímpar na música portuguesa, com repercussão nacional e internacional, imprimindo também ao repertório do grupo a sua chancela de autor.

Já as responsabilidades de uma exigente vida académica terão atenuado, em Pedro Barreiros, a prática quotidiana do jazz; mas a sua frequente liderança

Cartaz do Ciclo "Histórias de Jazz em Portugal" © Susana Santos (CCVF)

ou colaboração em vários grupos permanece relevante, fazendo a sua atitude jus ao balanço forte e ao som amplo que sempre o caracterizaram.

Quanto a Mário Barreiros, a conciliação entre a prática mais espaçada do jazz e uma crescente actividade em outros domínios musicais – sobretudo como produtor especialmente solicitado em áreas distintas do espectáculo e da gravação discográfica –, não obscurecem o seu estatuto de referência indelével para a bateria moderna entre nós, bem como a "teimosia" vigorosa de um tempo sempre bem *swingado*.

Finalmente, o facto de Ricardo Toscano ter sido escolhido pelos seus maiores como membro convidado do SJL diz bem da qualidade indiscutível que já irradia com tão poucos anos de actividade profissional.

Constatações e surpresas

No plano musical, a importância e singularidade do SJL na cena portuguesa evidenciam-se historicamente pelas seguintes razões.

1) Era a primeira vez que surgia um grupo de jazz de constituição relativamente alargada e, acima de tudo, com uma frente de três instrumentos de sopro (trompete e dois saxofones). Facto que não é de somenos importância tendo em conta o atraso relativo (face a outros países) quanto à aprendizagem e prática dos sopros por parte dos jovens músicos que começavam a frequentar o jazz mas que eram eminentemente atraídos pela guitarra e bateria, mais familiares na *pop* e no *rock*.

2) Para além do seu impacte sonoro e visual, um grupo assim constituído suscitava, nos espectadores, uma certa auto-satisfação pela associação que podiam fazer a outros grupos contemporâneos de notoriedade internacional, como era o caso dos *young lions* norte-americanos que, nessa época, procuravam afirmadamente regressar à identidade primeira do jazz, que consideravam ter sido perdida.

(Embora sem traçar uma relação directa e desadequada, nem estabelecer paralelos estéticos artificiais, recordemos que dois discos desse período – *Think of One* e *Black Codes*, que anunciavam *urbi et orbi* o influente grupo de Wynton Marsalis – tinham sido editados, respectivamente, em 83 e 85, coincidindo com a criação do SJL! E sabemos como era incomparavelmente mais lenta, com os meios de difusão da época, a repercussão internacional das grandes novidades.)

3) Acresce que – porventura sem essa intenção manifesta mas decorrendo naturalmente do seu próprio cunho composicional – não deixava de gerar-se um "desfasamento" indesmentível e não menos curioso entre o "formato" e a "aparência" exteriores de um sexteto como este e a música que praticava: esta era sem dúvida "familiar" na sua percepção (no que aos timbres, conjugações instrumentais e sua encenação figurativa dizia respeito) mas carreava, não raras vezes, elementos de "novidade" em termos de atitude estética.

Voltando a escutar, mesmo com os ouvidos de hoje, as peças que em 1987 foram gravadas pelo Sexteto no seu álbum *Ao Encontro* – e que, a par de

outras, constituirão o núcleo central do repertório deste concerto –, importa reconhecer que, em termos de escrita, arranjo e instrumentação, o "som" do sexteto se identificava com aquilo que os nossos ouvidos conheciam, à época, do jazz de outras paragens. E, no entanto, podemos ao mesmo tempo concluir que por elas passavam ideias musicais que desse jazz se distinguiam.

No primeiro caso, é possível encontrar peças como *Véspera* e *Para os Amigos* (Laginha) ou *Muda* e *4+3* (Pimentel), que se relacionam, em parte, com fórmulas de composição e instrumentação próximas das correntes de reavaliação contemporânea (então predominantes) do *neo-hard-bop*, embora também se reconheçam, subliminares, em *Tradição* (Laginha), certos processos instrumentais do chamado *jazz West Coast*, a par de inesperadas associações tímbricas próprias de um Ellington no uso das surdinas e do vibrato em *Balada para o Meu Filho*, também do pianista. Mas, ao mesmo tempo, intui-se algo de "português" em determinadas passagens de *Descolagem* (Pimentel) e despontam, por exemplo em *Caminho* (Laginha), mnemónicas composicionais que viriam a fazer caminho no nosso jazz.

Sejamos claros: não tendo sido certamente nem os primeiros nem os únicos a fazê-lo entre nós, a verdade é que os elementos do SJL procuravam exprimir-se musicalmente através de composições modernas, ignorando (ostensivamente para alguns) a continuada revisitação dos *standards* do jazz, repertório por excelência escolhido pelos músicos seus antecessores. Interessante é reconhecer, hoje, que esta circunstância – sem dúvida origem de alguma polémica no seu tempo – se terá revelado decisiva, a par de outras experiências contemporâneas ao Sexteto, para a paulatina criação no jazz português de um corpo composicional original, renovado ao longo dos anos mas de certo modo marcado por uma identidade própria.

António Curvelo
Manuel Jorge Veloso
Maio, 2015

Em pé: Pedro Barreiros, Carlos Martins, Mário Laginha, Tomás Pimentel. Em baixo: Edgar Caramelo, Mário Barreiros (foto de 1985).

Quem era quem

Para uma melhor contextualização do aparecimento do SJL e do seu papel na cena do jazz nacional, transcrevem-se as biografias usadas pelo Hot Club de Portugal para promover uma actuação do Sexteto na sua sede em 1985 (omitindo naturalmente a biografia de Carlos Martins, que ainda integrava o grupo, tendo sido depois substituído por Jorge Reis, e acrescentando a biografia de Ricardo Toscano, convidado pelos restantes membros do Sexteto para participar nos concertos deste "(Re)encontro" no lugar de Jorge Reis). Biografias que reflectem logicamente as, então, curtas carreiras dos músicos bem como o panorama do jazz que na época se fazia em Portugal e indiciam o contraste com os tempos actuais, bem representados pelo jovem Toscano, que ainda não nascera quando o SJL se dissolveu. (AC/MJV)

Tomás Pimentel trompete, fliscórnio, composição, arranjos

"Nasceu em 1960. Iniciou os seus estudos muito cedo, em piano. A mudança para o trompete coincide com a descoberta do jazz. Curso deste instrumento no Conservatório Nacional. Com um já largo passado no campo do jazz, participou em inúmeros grupos e sessões mais ou menos regulares. Fez parte do Sintagma, Quinteto de Pedro Mestre, com o qual toca no Festival de Jazz de Cascais 79, Quarteto de José Eduardo e outros. É um dos directores Pedagógicos da Escola de Jazz do HCP. Como arranjador tem participado e dirigido numerosos discos e espectáculos, nomeadamente com os compositores da MPP. É trompetista na Banda da Marinha. Participou como solista no Festival de Jazz de Cascais 84. É um dos compositores a arranjadores do SJL."

Edgar Caramelo saxofones

"Nasceu em 1959. Iniciou os seus estudos na Escola de Jazz do HCP, cuja Orquestra integrou desde o início. Basicamente autodidacta, tem desenvolvido a sua actividade de forma mais individual. Constituiu com Carlos Bica e Manuel Martins um trio de formação pouco comum – saxofone / contrabaixo / bateria. Em 84 fez parte do Quinteto que acompanhou a cantora Maria João na sua primeira *tournée* na Alemanha. É companheiro habitual dos dois outros 'sopradores' do Sexteto em sessões de gravação."

Mário Laginha piano, composição, arranjos

"Nasceu em 1960. Músico de formação clássica, aluno de Jorge Moyano no Conservatório Nacional, é autodidacta em relação ao jazz, tendo sido decisivo para esse interesse a participação no seminário do pianista e compositor japonês Takashi Kato. Pianista muito solicitado, tem participado em espectáculos com música de Kurt Weil, Hans Eisler ou Cole Porter. Foi membro do Quinteto de Maria João, com o qual gravou dois discos. Foi pianista residente do programa Club de Jazz da RTP. Participou como solista no Festival de Jazz de Cascais 84. Em 1985 tocou em duo com o vibrafonista norte-americano Mike Freeman e com o trompetista Jon Eardley no Festival de Jazz de Lisboa 85, ao lado dos irmãos Barreiros. Trabalha regularmente em duo com Carlos Martins, ao lado do qual participa no Festival dos Capuchos 84 e 85 e no Festival Branco 85. Mais irregularmente trabalha em trio com os irmãos Barreiros. É um dos compositores e arranjadores do SJL."

Pedro Barreiros contrabaixo

"Nasceu em 1962. Natural do Porto, dedica-se à música – baixo-eléctrico – desde a infância. É membro do Jáfumega. Aluno de contrabaixo do Conservatório do Porto. Membro do Quarteto de António Pinho Vargas, integrado no qual desenvolve intensa actividade nomeadamente a gravação de dois discos, a participação no Festival de Jazz de Cascais em 83 e 84, no 2.º Festival de Jazz de Macau 84 e, ainda, já em 1985, *tournée* em França, mais propriamente na Picardia. Acompanhou Rão Kyao, Steve Potts, Michael Kaupa, David Schnitter (Festival de Jazz de Cascais 85) e Jon Eardley (Festival de Jazz de Lisboa 85). Trabalha irregularmente em trio como seu irmão Mário Barreiros e com Mário Laginha."

Mário Barreiros bateria

"Nasceu em 1961. Como seu irmão dedica-se muito cedo à música (guitarra). Faz também parte do Jáfumega. É aluno do Conservatório do Porto e desde os 18 anos que se dedica à bateria e ao jazz. Neste campo, estudou, em Seminários em Espanha, com Billy Hart. Membro do Quarteto de A.P.V. com ele gravou, e com ele tem tocado, nomeadamente no Festival de Jazz de Cascais 83 e 84, 2.º Festival de Jazz de Macau 85 e *tournée* na Picardia Francesa em Outono do mesmo ano. Acompanhou inúmeros músicos como Rão Kyao, com quem gravou dois LPs, Paul Stoker, Steve Potts, Mike Carr, Burton Greene, Steve Neil, Mike Freeman, David Schnitter, no Festival de Jazz de Cascais 85, e Jon Eardley, no Festival de Jazz de Lisboa 85. Trabalha em trio com o seu irmão e Mário Laginha."

Ricardo Toscano saxofones

Nasceu em 1993. Iniciação musical (clarinete) aos 8 anos numa filarmónica, prosseguindo os estudos no Conservatório Nacional e na Escola Profissional da Metropolitana de Lisboa. Aos 16 ingressa na Escola Luíz Villas-Boas, do Hot Clube de Portugal, adoptando o saxofone alto como instrumento e tendo como professor Desidério Lázaro. Aos 17 entra para a Escola Superior de Música de Lisboa, no regime de *sobredotado*. Participou em *masterclasses* com, entre outros, Danilo Perez, Wynton Marsalis, Greg Osby, João Moreira, Pedro Moreira, Miguel Zenón, Aaron Goldberg, Kurt Rosenwinkel, Joe Lovano, Ben Street, George Garzone. Tem tocado com Nelson Cascais, André Fernandes, Mário Laginha, Júlio Resende, Afonso Pais, Bruno Pedroso, João Moreira, Carlos Barretto, Alexandre Frazão. Em 2011, com o Ricardo Toscano 4teto (André Santos, João Hasselberg e João Pereira) ganhou a 25.ª edição do Prémio Jovens Músicos, na categoria de jazz.

António Curvelo e Manuel Jorge Veloso não escrevem segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico

Próximo espetáculo

Ganesh Versus the Third Reich

Ganesh Contra o Terceiro Reich

de Back to Back Theatre

Teatro **Qui 14, sex 15 de maio**
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h40 · M12

© Jeff Busby

Ganesh, deus da superação dos obstáculos, viaja pela Alemanha Nazi para recuperar a suástica, enquanto uma segunda narrativa explora quem tem o direito de contar uma história e de ser ouvido. Espetáculo por uma das mais celebradas companhias australianas a que o New York Times chamou "um tónico vital para aguçar os sentidos de espectadores que acham que já viram tudo."

Próximo espetáculo de música

LSB

Ciclo "Isto é Jazz?"
Comissário: Pedro Costa

Jazz **Qui 28 de maio**
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

"É jazz e não é jazz, é jazz não o sendo, não é jazz sendo-o. O interesse de algo como estes LSB, para além do atrativo de ouvir, vendo, três virtuosos, reside nessa enorme particularidade. Como referiu o físico dinamarquês Niels Bohr: «Que bom foi termos encontrado um paradoxo. Agora temos a esperança de progredir.»" Rui Eduardo Paes (crítico de música, ensaísta, editor da revista online *jazz.pt*)

As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Sistema de Gestão Ambiental certificado segundo a norma NP EN ISO 14001:2012

Conselho de Administração
Presidente
Álvaro do Nascimento
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider

Serviço Educativo
Raquel Ribeiro dos Santos
João Belo

Direção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso
de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção
António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Estagiárias:
Sara Amaral
Madalena Costa

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais
Catarina Carmona
Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica
Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes
Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
(coordenador)
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo (chefe)
Vítor Pinto

Maquinaria de Cena
Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão

Técnico Auxiliar
Vasco Branco

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni

Receção
Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo